

## **EDUCAÇÃO E REALIDADE NO BRASIL**

Walteir da Silva

### **R E S U M O**

A finalidade do artigo é mostrar que a educação no Brasil não está apoiada em dados reais, sendo estes naturais (natureza original) e culturais (natureza ideal do homem). Uma das causas desta defasagem seria a inexistência, ainda, de uma identidade cultural (nacional) brasileira, a qual é necessária como ponto de referência a todo e qualquer planejamento educacional. País jovem e tendo sido colonizado, o Brasil possui problemas específicos a países nesta condição e isto dificulta a tarefa dos educadores. Uma delas é determinar os fins gerais e específicos da educação brasileira. O tema é abordado sob um enfoque reflexivo e dentro de uma perspectiva filosófica.

\* \* \*

### **Real e Ideal**

A educação, vista globalmente, é processual; o homem é um animal que se tornou humano através de uma temporalidade; fora desta, as significações — núcleo do fenômeno humano — ficam destituídas de função. Mas, sendo a edu-

cação processual, quais são os termos que integram a relação que constitui o fenômeno (educativo) da passagem de um momento a outro? São dois: a natureza original e a natureza ideal do homem (Mantovani, s. d.). Assim, educar é, através de meios específicos (métodos), tentar elevar o homem de sua natureza original a uma natureza ideal. Em outras palavras, educar é humanizar um animal que, antes da “História” não possuía passado (Mairet, 1974), por não ter referências (memória) a partir das quais pudesse se propor um futuro, e neste uma natureza ideal. A natureza original, portanto, é a condição primeira a todo e qualquer processo educativo.

Em que consiste esta natureza original? No corpo. Este é absolutamente natural desde que não receba influências culturais, externas e internas, sobre seu mecanismo. Como tal, ou seja, sendo absolutamente natural, o corpo identifica-se com os demais seres orgânicos: ele tem peso, forma, volume, funções, etc. Depende do meio físico e com ele interage em função da satisfação de suas necessidades elementares. Isto significa que o corpo, através da relação adaptativa, transforma o meio e por ele pode ser modificado.

Quanto ao meio físico, este pode ser denominado de realidade natural, isto é, um conjunto de objetos concretos, regidos por um dinamismo repetitivo, neutro axiológica e teleologicamente. O pressuposto maior da realidade natural é o espaço, sendo este a possibilidade de existência de um objeto concreto qualquer. A realidade natural, portanto, é o campo onde o corpo (natureza original) se exprime.

Ocorre porém que o corpo, através do cérebro, sofreu modificações e foi através destas modificações processuais — complexificação do cérebro (Ruffié, 1974, pág. 126) — que o homem se tornou homem. A posição vertical, a libe-

ração da mão, a estruturação da consciência refletida e da memória, surgiram dentro de um quadro de complexificação do cérebro.

Evidentemente não é fácil precisar como a complexificação do cérebro concorreu para o surgimento do símbolo ou, em outras palavras, é difícil explicar o aparecimento do fato cultural, isto é, aquele fato que não possui em si as “marcas” do fato natural. O que constatamos é que a cultura existe e como tal se constitui numa realidade “especial”. Nesta, o símbolo ocupa um lugar de destaque, pois é ele o mediador entre a consciência e o objeto. Toda-via esta mediação (representação; substituição imitativa — Cassirer, 1972), nem sempre une completamente (verdade) os dois elementos (sujeito e objeto) da relação cognoscente. (Hessen, 1964). Daí o símbolo ser possuidor de vários níveis e funções. A realidade cultural portanto existe, possuindo um estatuto especial, mercê do seu caráter simbólico.

Ora, como foi e continua sendo, através da cultura que o animal homem se humanizou, podemos concluir que a cultura “se fez” processualmente, isto é, através de uma temporalidade. Esta seria desdobrada posteriormente, com o advento da escrita, em História, acarretando destarte o aparecimento de mais uma realidade: a realidade histórica (De Certeau, 1975).

Achamos desnecessário mencionar, por ser evidente, que a realidade cultural se articulou e articula graças à sociabilidade do homem, haja vista que nenhum homem fez cultura sozinho. Há pois uma realidade natural, da qual difere a realidade cultural, desdobrando-se esta em outras realidades (social, histórica, etc.), e se por um lado a natureza original do homem está presa à realidade natural, por outro lado é à realidade cultural que está vinculada sua natureza ideal.

Com efeito, como por definição o ideal não é real, ou seja, não é concreto, inferimos, discordando de Platão — para quem o ideal (as Idéias) estava além da realidade empírica — que o mesmo só pode ser “localizado” na realidade cultural. O ideal, pois, possui duas dimensões: a) ser diferente do natural e b) ser polo de referência das práticas humanas.

Sendo simbólico, na medida em que é uma representação, a natureza (essência) do ideal se nos apresenta como sendo espiritual e/ou abstrato, ou seja, como um objeto não-natural, logo, inespacial e atemporal, mesmo quando visualizado na sua segunda dimensão. Apesar de ser não-natural, ele “existe” (na consciência, na alma; no pensamento?) e nós o consideramos, através da cultura, integrante da Realidade global.

### **A Educação No Brasil**

Ora, como o ideal está “localizado” no futuro, o processo educativo investe na esperança. Sem esta, a educação é impossível pois a temporalidade que lhe serve de quadro, aqui no ocidente, é linear. O educador, conseqüentemente, postula, projeta e executa em função de um padrão, o qual, sendo ideal, repetimos, é atemporal. Mas, se assim ocorre, é possível a efetivação da adequação “entre o que se é e o que se quer ser?”. Deve-se, em educação, partir do real (natural e cultural) ou, ao contrário, partir unilateralmente do ideal e nele permanecer, voltando as costas ao real?

Respondendo à primeira pergunta, achamos que a adequação deve ser tentada, estimulada e promovida. Respondendo à segunda, sustentamos a opinião de que o educador deve ser fiel ao real, pois só assim sua tarefa será, não apenas eficiente como também obterá êxitos. Por óútro lado,

verificamos que as duas perguntas se relacionam ao mesmo tempo que nos inquietam. E isto porque constatamos, juntamente com outros observadores, que há aqui no Brasil, uma defasagem entre “o que se é e o que se quer ser”. Nosso processo educativo não é realista (Teixeira, 1978); ainda não está calcado numa realidade cultural brasileira, ou seja, num conjunto de realizações cujos significados não sejam meramente universais, mas nacionalmente brasileiros. Ainda não temos padrões culturais brasileiros, isto é, resíduos arquétipos oriundos de uma prática cultural diferenciada por fatores específicos, no caso, geográficos, antropológicos, históricos, etc., que reunidos formam a singularidade brasileira.

É bem verdade que nossa educação tem “objetivos”, “metas”, etc., mas estão eles em consonância com uma identidade nacional brasileira? Achamos que não e talvez seja por isto que a educação escolar brasileira esteja tão divorciada da realidade. Ensina-se sem se saber para quê. Os planos, currículos e programas educacionais são elaborados sem nenhuma sustentação antropológica, sociológica, histórica e filosófica. As ciências humanas raramente são consultadas, preferindo-se a recorrência a princípios vagos e irreais. Resultado: o aluno entra com expectativas e geralmente sai decepcionado com uma escola discursiva, repressiva e acanhada.

Que fazer? Como sugestão, achamos que o ideal deve passar pelo real. Neste sentido somos aristotélicos. Nada de irrealismos. Se o homem, com sua natureza original é orgânico e animal, partamos desse dado. Consultemos a Biologia e consideremos o que ela nos diz sobre o corpo.

Ao especularmos sobre a natureza ideal, acateemos o que as ciências humanas nos ensinam. Recolhamos tais informações e, através de uma perspectiva filosófica, isto é, crítica, reflexiva, profunda e sistemática, interpretemos tais

dados paralelamente a uma projeção que se justifique em padrões autóctones.

Depreender-se-ia do exposto que a prática educativa (escolar) exigiria um prévio enfoque interdisciplinar das ciências que lhe são correlatas? Achamos que sim, pois é para a educação em diálogo último com a Filosofia, que devem confluir todas as informações culturais. Podemos ainda indagar sobre outras causas de tal defasagem entre o real e o ideal na educação brasileira. Com efeito, como o processo educativo (escolar) é ministrado por educadores, achamos que algumas causas estão radicadas nos educadores. São neles que, permeados pela estratificação social, possuindo mentalidades diferentes, preconceituosos por serem acríticos, etc., que devemos iniciar nossa busca das causas. Todavia, eles, os educadores, estão dentro de um processo histórico-cultural (onde poderíamos realçar a condição de colonizados), o qual não escolheram, pois foram nele lançados ao nascerem (Corbisier, 1959). Assim, as causas não devem ser procuradas apenas nos agentes educativos, mas também na realidade sócio-cultural brasileira.

Tarefa gigantesca, nós nos limitamos a lançar um apelo no sentido de que ao refletirem e planejarem a educação brasileira, os pedagogos brasileiros não desprezem os dados reais, concretos, sobre os quais deve se basear toda e qualquer especulação sobre a natureza ideal do homem que, antes de ser universal deve ser brasileiro. Que sejam postos de lado os Princípios ociosos e irreais, pois assim fazendo teremos uma Escola mais eficiente e amada.

#### R E F E R Ê N C I A S

Cassirer, Ernest. **La Philosophie des Formes Symboliques** (Vol. 2). Paris: Ed. de Minuit, 1972.

- Corbisier, Roland. **Formação e Problema da Cultura Brasileira**. Rio: Instituto Superior de Estudos Brasileiros — ISEB — Textos Brasileiros de Filosofia, 1959.
- De Certeau, Michel. **L'Écriture de L'Histoire**. Paris: Ed. Gallimard, 1975.
- Hessen, J. **Teoria do Conhecimento**. Coimbra: Arménio Amado, Editor, 1964.
- Mairet, Gérard. **Le Discours et L'Historique**. Paris: Ed. Repères, 1974.
- Mantovani, Juan. **La Educación Y Sus Tres Problemas**. Buenos Aires: El Ateneo Editorial, s/data.
- Ruffié, Jacques. **Le Primate et L'Homme (Vol. 1)**. Paris: Ed. du Seuil, 1974.
- Teixeira, Anísio. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1978.